

O preterito imperfeito *tinha visto* de *ter visto*, cuja significação em virtude do aspecto perfectivo é mui próxima á do preterito mais-que-perfeito *vira* de *ver*, manteve a sua vitalidade e substitue muitas vezes, sobretudo na linguagem familiar, o dito mais-que-perfeito.

Nas conjugações compostas em que o verbo principal se usa sob a forma de particípio passado, servem de auxiliares *ter*, *haver*, *ser* e, por vezes, outros verbos, segundo vimos no capitulo precedente.

Nas combinações em que se emprega o verbo principal no infinitivo, o elemento auxiliar é *haver de*, ou *ter de* ou algum outro verbo que, de nocional, passa a funcionar como relacional. *Haver de partir* é linguagem antiga, e caracteriza o aspecto necessitativo. Do seculo XVIII para cá usa-se, a par desta forma, *ter de partir*, com sentido especializado, indicando que a acção a praticar não depende da vontade do sujeito.

Com o gerundio por verbo principal combina-se *estar* como auxiliar, ou tambem *ir*, *vir* ou outros, apagando-se nestes a significação concreta de locomoção. Na conjugação composta assim formada enuncia-se a acção como passando-se rigorosamente no momento em que se fala (presente) ou do qual se fala (preterito ou futuro).

No seguinte quadro, pondo de parte a forma do imperativo, que é desusada em algumas das conjugações compostas, e o particípio, que é privativo da conjugação simples, se demonstra que as diversas formas da flexão verbal se encontram tanto num como noutro typo conjugativo. E o que é verdade para os quatro exemplos de conjugação composta aqui figurados, tambem o é para os demais casos a que acima alludimos.

CONJUGAÇÃO COMPOSTA					
	Conjugação simples	Aspecto perfectivo	Aspecto passivo (ou voz passiva)	Aspecto necessitativo	Aspecto do momento rigoroso.
	Aspecto Imperfectivo				
INFINITIVO	ver	ter visto	ser visto	ter de ver	estar vendo
PARTICÍPIO DO PRETER	visto	tendo visto	sendo visto	tendo de ver	estando vendo
GERÚNDIO	vendo				
INDICATIVO :					
Presente	vejo	tenho visto	sou visto	tenho de ver	estou vendo
Pret. imperfecto	via	tinha visto	era visto	tinha de ver	estava vendo
Pret. perfeito	vi	tive visto (popl. antl.)	fui visto	tive de ver	estive vendo
Pret. mais-que-perf.	vira	tivera visto	fora visto	tivera de ver	estivera vendo
Futuro	verei	terei visto	serei visto	terei de ver	estarei vendo
Futuro do pret.	veria	teria visto	seria visto	teria de ver	estaria vendo
IMPERATIVO	vê				
CONJUNTIVO :					
Presente	veja	tenha visto	seja visto	tenha de ver	esteja vendo
Pret. imperf	visse	tivesse visto	fosse visto	tivesse de ver	estivesse vendo
Futuro	vir	tiver visto	for visto	tiver de ver	estiver vendo

Verbos transitivos e intransitivos

Definido o verbo como palavra que exprime acção ou estado, não se conclue dahi que esta significação se deva conter toda sómente no verbo. Para que isto fosse possível, seria necessario possuir nosso idioma uma textura morphologica extremamente complexa. Muitos verbos requerem o accrescimento de um termo que lhes complete o sentido.

Chama-se *transitivo* o verbo cujo sentido se completa com um substantivo usado sem preposição ou occasionalmente com a preposição *a*, como nestes exemplos:

Amar o estudo — Amar a Deus — Feriu o pé — Antonio feriu a Pedro — Deus creou o mundo — O ourives fez um anel — A terra produz trigo.

O termo que integra o sentido do verbo transitivo tem o nome de *objecto directo* ou *accusativo* e toma a particula *a* quando denote ente animado e convenha por essa forma tornar bem clara a função objectiva do substantivo.

Examinando o papel semantico do objecto directo nos citados exemplos, notaremos que *a Pedro*, *o pé* postos em seguimento a *feriu* exprimem a pessoa ou cousa que recebe a acção; porem *o mundo*, *um anel*, *trigo*, que completam o sentido de *creou*, *fez* e *produz*, denotam o producto da acção. Num caso o accusativo significa um ser cuja existencia é anterior á da acção verbal; no outro caso, o ser apparece ulteriormente como resultado do acto que se pratica. Differente destas duas hypotheses é a significação do accusativo ou objecto directo de *amar*. Denota o ponto para onde se dirige um sentimento, sem que o objecto seja forçosamente affectado pelo dito sentimento. Exemplo typico:

Othello ama a Iago, e Iago odeia a Othello.

Certos verbos transitivos, taes como *dar*, *entregar*, *pedir*, *mostrar*, *dedicar*, *ceder*, *transferir*, *restituir* e outros, posto que se lhes accrescente o objecto directo,

continuam todavia com o sentido incompleto. Requerem ainda outro substantivo que designe o ente a quem a acção se destina. Este segundo termo, precedido sempre da preposição *a*, denomina-se *objecto indirecto* ou particularizando, *objecto dativo*; e com elle não pode concorrer o accusativo senão desprovido de particula. Assim diz-se:

Entregar o prisioneiro ao general — Mostrar o escravo ao rei
— Restituir o filho á mãe, etc.

Substituido o substantivo pelo pronome pessoal da 3.^a pessoa, caracteriza-se o accusativo pelas formas *o, a, os, as*, e o dativo pelas formas *lhe, lhes*.

>O dativo tambem pode ser usado para designar o ente a quem a acção aproveita ou desaproveita. Será então um termo necessario para alguns verbos, porem accessorio para outros. Algumas vezes, confunde-se com as nocões de lugar, posse, etc.

>Verbos que não admittem accusativo chamam-se *intransitivos*. Aquelles que, como *viver, morrer*, não necessitam de complemento algum são os intransitivos puros ou absolutos. Os que não se usam senão com um termo complementar preposicionado, como *depende de alguma cousa, precisar de alguma ou de alguma cousa, concordar com uma opinião*, são os intransitivos relativos.

>A este termo regido de preposição, com que se completa o sentido de verbos intransitivos, dá-se de ordinario o nome de *objecto indirecto*. Por ter alguma semelhança com as circumstancias expressas pelos adverbios, poderemos denominal-o *objecto indirecto circumstancial*.

A expressão preposicionada que, sem ser exigida pelo verbo, se lhe acrescenta como explicação accessoria — e este é o caso em *viver do ganhado, morrer de fome* — classifica-se como locução adverbial.

Posto que em geral não se confunda o verbo transitivo com o intransitivo, a linha de demarcação nem sempre pode ser rigorosa. Assim, se transitivos são os verbos *comer* e *beber* em *comer carne, beber vinho*, não ha duvida que estes mesmos verbos vem empregados intransitivamente em expressões como *o doente não come*

nem ~~hebe~~, ou quando se usa o verbo *beber* sem objecto algum no sentido de «entregar-se á embriaguez». *Ouvir*, significando «não ser surdo», *engulir*, *sonhar*, *ver* ou *enxergar*, na accepção de «não ser cego», *mastigar*, *pensar*, *meditar* e outros, quando usados sem objecto algum para denotar apenas o funcionamento ou privação de um acto physiologico ou psychologico, tornam-se verbos tão intransitivos como *dormir*, *andar*, *manquejar*, *endoudecer*, *tossir* e *expectorar*. O proprio verbo *falar*, um dos que mais frequentemente occorrem na linguagem quotidiana, não pode gabar-se de pertencer a um typo definido. Transitivo em *falar uma linguagem*, *ouvir o que alguém fala*, *falar verdade*, *sem falar outra palavra*, emprega-se comtudo as mais das vezès como verbo intransitivo.

Casos ha tambem de serio embaraço para a classificação e analyse determinado pelo facto de considerar-se como instrumento da acção o que se devera ter como objecto directo. Assim em vez de *atirou-lhe a pedra*, — caso em que é clarissima a analyse e o sentido — pode-se dizer *atirou-lhe com a pedra*, desabonando, nesta segunda hypothese, os complementos instrumental e locativo a transitividade de *atirar*. É maneira de exprimir usada não sómente na linguagem familiar, mas tambem na literaria:

Atirou este homem a um pobre com hum pão d'esmola (Bern., N. Flor. 1, 410) — *E atirou violentamente com o livro* que tinha na mão para dentro da arca (Herc. M. de C. 2, 39).

Verbos que significam «extrahir», «tirar para fora» empregam-se como verdadeiros transitivos em *tirar o joio*, *tirar* ou *sacar proveito*, *arrancar arvores* ou *cabellos* e outras frases similares, em que é inadmissivel o uso de qualquer preposição antes do nome integrador do sentido verbal. Tratando-se, porém, de objecto que alguém traz guardado no bolso, no seio, na manga, na cinta ou na bainha (no caso de espada, punhal etc.) e que tira de todo para fora, é de uso enunciar com a preposição *de* o nome que serve de complemento a *tirar*, *puxar*, *arrancar*, *levar* *):

*) *Tirar*, *puxar*, dizem-se de qualquer objecto; *arrancar*, *levar* não se usam senão com referencia a arma branca. *Levar da espada* não é a mesma cousa que *levar mão da espada*. Com esta segunda maneira de dizer exprime-se apenas o acto de pôr a mão na espada, ao passo que *levar da espada*,

Logo *arrancou da espada* e se pos á porta a defender-lhe a entrada (Castanh. 8, 39) — *Arrancão das espadas* de aço fino os que por bom tal feito ali apregoão (Cam. Lus. 3, 130) — Do que se indignou tanto o capitão que *arrancou da espada* e remetteo a Francisco Gomes Leitão para o matar (Couto, Dec. 8, 3) — E *levando da espada* derrubou outro (ib. 8, 38) — E *levando da adaga* lhe foi dando huma e outra (ib. 8, 26) — *Levey de hũa grande faca* que trazia cingida para o matar, e elle *de hũa adaga* (Itin. 173) — *Levou o soltão baiazit dũ punhal* e matou-o (ib. 195) — Respondeo o arcebispo com muyta mansidão... e logo *tirou do caderno* que trazia no seio, e mostrou-lhe nelle seu nome escrito (Sousa, Arc. 1, 101) — Não teve o arcebispo mais saborosa iguaria... e cheyo de alegria, *tirou de hũa faca* da cinta, e abriu hum pão (ib. 1, 189) — Por partes contrarias da praça ameaçaram a apontar duas companhias de soldados... os quaes vindo-se a encontrar no meyo da praça *levaram das espadas* e acometendo-se furiosamente, começaram a brigar com muyta destreza (ib. 2, 354) — Elle, não *puzando da sua espada*, senão *da* de seu amo morto, brigou com o matador e o matou (Bern., N. Flor. 1, 447) — Quando já estava a cavallo, *puzando do papel*, lia: Primeiramente, o frade... — (ib. 2, 28) — E logo, *tirando de huma faca*... foi descobrindo terra (ib. 2, 272) — *Levou da espada* para defender-se (ib. 1, 443) — O amouco... *puzando de huma grande navalha* vai cortando de seu corpo postas de carne (ib. 3, 182).

Exemplos ha, embora menos frequentes, de *arrancar espada*, *tirar espada*, sem preposição:

Gonsalo Pereira, sem *tirar espada*, se meteo em meio (Couto, Dec. 8, 16) — Assi se não *arrancou espada* (Sousa, Arc. 2, 415) — Entra outro representando a Neró, e *tirando a espada* manda que cortem cabeças (Vieira, Serm. 5, 90) — Cinge a espada... e logo, *arrancando a espada*, esgrime com ella, ferindo a terra e o ar tres vezes (Bern. N. Flor. 1, 444) — Os quatro sarracenos pozeram-se em pé de um pulo, e *arrancaram as espadas* (Herc. Lend. e Narr. 1, 9).

Não tem cabimento a particula *de* quando a arma não se *tira* senão parcialmente da bainha ou cinta:

Eu só com meus vassalos e com esta (e dizendo isto, *arranca meia-espada*, defenderei... a terra (Cam., Lus. 4, 19) — Cavalleiros polacos, que costumam... *arrancar meia-espada*, como em protestação do animo pronto (Bern. 1, 438) — Dizendo estas palavras, levei a mão á cinta e *arranquei meio-punhal* (Herc. M. C. 1, 47).

A presença da preposição *de* com os verbos *arrancar*, *tirar*, etc., é devida provavelmente ao duplo contagio das

como claramente se vê pelos exemplos que apontamos, equivale a «arrancar da espada». *Levar* aqui tem o sentido de «levantar», «puxar fora e para cima», que ainda occorre em *levar ancora*, *levar ferro*, (Castanh. 5, 19; Vieira, Serm. 8, 271 e passim). *Leva da espada* quem desembainha a arma e a levanta para o ar.

noções de lugar donde a acção procede e instrumento com que o acto se pratica. Posto que não seja commum usar-se a particula *de* nesta ultima accepção, ha entretanto, provas evidentes desta possibilidade, como se vê em exemplos com outros verbos:

Hiam-lhe *dando das esporas* chãas muy grandes feridas (S. Graal, 119) — Feriram todos os cavallos *das esporas* (Zur. em In. 3, 22) — Dei rijamente *da vara* ao palafrem (Barros, Clar. 1, 97).

Puxar, quando seguido de nome que denote instrumento ou arma, pode construir-se não sómente com *de*, mas ainda com a preposição *por*, devido a novo contagio qual o do conceito de lugar por onde: *Todos puxam pelas armas* (Vieira, Serm. 11, 182). *Tirar*, empregado na accepção de «puxar», pode ser verbo transitivo, ou intransitivo seguido da particula *por*:

E *tirando pela campainha*, acudiu a porteira (Barros. Clar. 1, 19) — *Tira pela espada* (Vieira, Serm. 2, 164) — *Tirando a espada* (ib. 5, 90) — Os que *tiram por esta carroça* (ib. 9, 176) — Hũa carroça dourada *pela qual tiravam* hũa ovelha e hũ leão (ib. 9, 175) — Moysès com todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, *tirá pela espada* e matou naquelle mesmo dia vinte tres mil homens (ib. 11, 136).

Pegar, verbo transitivo em *pegar o ladrão, o inimigo*, etc., tornando-se intransitivo, tem o luxo da construcção com as particulas *de, em, por*:

Pegou da tesoura (Bern., N. Flor. 1, 328) — *Pegando-lhe das redeas* (ib. 403) — *Pegou de hum pão* e lhe atirou com elle (ib. 408) — *Pegando-lhe por outros cabellos* (ib. 405) — O anjo lhe disse que *pegasse no peixe pela barbatana* (Vieira, Serm. 2, 318) — *Pegou na taça* (Herc., M. de C. 179) — *Pegando em hum escudela* (Her., L. e N. 1, 293) — *Pegando numa lanterna* (ib. 2, 136) — O senhor de Biscaya *pegou então de um osso* com sua carne e medula (ib. 2, 12).

Quando não concorram os conceitos de instrumento ou lugar, *pegar* é verbo transitivo, como no citado *pegar o ladrão*, etc., ou intransitivo com a particula *em*, como *pegar no somno*. Este uso hodierno differê da antiga linguagem, que se valia da preposição *de em*:

Querendo *pegar do somno* (Bern., N. Flor. 3, 492) — E *pegando delle* [mancebo] o procurava mergulhar como por zombaria (ib. 1, 404) — Ainda o Senhor não quiz que tão depressa *pegassem delle* [Jesus], mas com toda a brandura falou aos principes dos Fariseos

(Th. de Jes., Trab. 2, 30) — O qual [Malcos] querendo-se desman-
dar *pera pegar primeiro do Senhor* (ib. 2, 31).

O verbo *obedecer*, seguido de seu termo integrante, era tratado, na linguagem dos seculos XVI e XVII, não sómente como intransitivo, mas ainda como transitivo:

Lhe havia de obedecer (Barros, Dec. 2, 5, 11) — *Obedecer-lhe* (Arr., 357) — Não só offendiam a Antonio, mas *o obedeciam* e reverenciavam (Vieira, Serm. 3, 193) — [Os animaes] todos por instinto natural e sogeição inviolavel *o obedecião* (ib. 5, 451) — Lançou bando que todos os subditos do seu imperio... *lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida e da sua indignação aos que assim o não obedecessem* (ib. 11, 14) — Excusaes de vos cançar com quem teve a ventura de ver a Mafoma e de *obedecer-lhe* (Bern. N. Flor. 3, 11) — Todos a *obedecer-lhe* concorriam (Castro, Ulys. 5, 22).

Resistir usou-se amplamente como verbo transitivo a par da construcção com o nome preposicionado, servindo neste caso ora a particula *a*, ora *contra*:

Crês tu que já não foram levantados contra seu capitão se os *resistira* (Cam., Lus. 5, 72) — Eu vi que *contra os Minyas...* todos *resistiram* (ib. 6, 31).

É de notar como Antonio Vieira, naquelles sermões onde repete o verbo frequentemente, varia a construcção utilizando-se das tres maneiras de dizer:

Para esperar e *resistir os assaltos* de tão bravo... inimigo (Serm. 8, 118) Não *resisto estes unguentos* da Madalena (ib. 8, 125) — *Resistiu contra o peccado* (ib. 8, 117) — *Resistiu contra a morte e contra a honra* (ib. 8, 127) — E comtudo *resistir-lhe* com tanta violencia (ib. 8, 127) — Dá nas velas hum vento tão forte em popa para Japão, que não *o podendo resistir* nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar terra e dar fundo em Congoxima (ib. 8, 308) — [Deus] não consentirá jamais que sejas tentado sobre *o que podeis resistir* (ib. 9, 22) — Como pode ser que *lhe* pudesse *resistir* (ib. 9, 33), etc.

Comprazer, agradar e desagradar apparecem pela mesma epoca, ora como verbos transitivos, ora como intransitivos:

Por *lhe comprazer* (B. Cruz, Seb. 1, 156) — Querendo alguns fidalgos *comprazel-o* e contental-o (ib. 2, 67) — Tal era o amor de todos de desejarem servir el rei e o gosto de *o agradarem*, que não havia quem sentisse gastos e custos *pera este fim* (ib. 2, 23) — Por *lhe parecer* que como vassallos *o* queriam *comprazer* com esta offerta

(ib. 2, 188) — Chorem vossos olhos diante de seus pais, e *agradalloeis* (M. Pinto, 3, 29) — [Esta impurezas] tanto offendem a Deus e *o desagradam* (Vieira, Serm. 9, 357) — Deve... procurar *agradallo* em tudo (Bern. N. Flor. 4, 358).

Mui numerosos são os exemplos da dupla construção *soccorrel-o* e *soccorrer-lhe* em escriptores quinhentistas. Vieira construe o verbo em geral com accusativo. Mencionaremos os seguintes passos de uma e outra epoca:

O vento não servia pera *lhes* poder *soccorrer* a tempo (Barros, Dec. 3, 3, 6) — A nao *lhe* podia *soccorrer* (ib.) — Este, que *soccorrer-lhe* não queria, por não causar discordias intestinas, *lhe* diz... (Cam., Lus. 6, 48) — Viestes logo a *soccorrel-o* em tempo que elle disso tinha necessidade (H. Pinto, 2, 234) — Sem terem conta com a ley d'amizade que he fazer bem ao amigo que lho fez, e *soccorrer-lhe* em sua necessidade, podendo-o fazer (ib. 2, 270) — Amoesta a seu amigo, e *soccorre-lhe* no tempo da necessidade (ib. 2, 314) — Pedindo-lhe o *soccorresse* naquella perplexidade (Vieira, Serm. 7, 406) — Assim o *soccorreo* Deos (ib. 7, 406) — Não tinha outra cousa com que os *soccorrer* (ib. 7, 444) — Pois se os ia *soccorrer* (ib. 3, 531) — Foi o divino Mestre desde a praya a *soccorrel-os* (ib. 3, 531) — Nem com as migalhas que *lhe* cahiam da mesa o *soccorria* (ib. 7, 329).

O verbo *tocar* pode ser transitivo ou intransitivo (*tocar em*). Repare-se nos seguintes passos, em que Heitor Pinto exprime o mesmo pensamento, construindo este verbo ora com accusativo, ora com o objecto preposicionado:

Antre as cerimonias que goardava hũa era que não podia *tocar hera nem fava*. Blondo... diz que não podia elle *tocar em hera*; mas da fava não faz menção; e pelo contrayro Gaudencio Merula... diz que não podia *tocar na fava*, mas não faz menção da hera. (2, 543) — O que agora desejo saber he porque causa era vedado aquelles sacerdotes *tocar hera e favas* (ib.) — Quem quiser vida tranquilla não *toque favas* (ib. 2, 545) — Mandavam que os sacerdotes diaes não *tocassem hera nem favas* (ib. 2, 547) — Vedes aqui a causa porque os sacerdotes diaes não *tocavam hera nem fava* (ib. 2, 549).

Igualar occorre nos Lusíadas já como verbo transitivo, já como intransitivo:

Tal ha de ser quem quer co dom de Marte imitar os illustres e *igualat-os* (Lus. 8, 89) — A terra de Bengala, fertil de sorte que outra não *lhe iguala* (ib. 7, 20).

Em Vieira encontram-se estes passos:

Lucifer... não aquietou naquelle lugar, e quiz *igualar o seu* com o do mesmo Deus (Serm. 5, 194) — Que podem os homens fazer açcoens tão heroicas e levantadas que comparadas com as suas, *as igualem*, e ainda as excedão (Serm. 8, 124) — A grandeza do Pantheon de Roma não *igualava os maiores templos* da Christandade (ib. 8, 438) — A fortuna nunca *igualava os desejos* dos homens; mas se houvesse hũa fortuna tão grande, que não só *igualasse*, mas vencesse e excedesse *os desejos*; esta seria a mayor fortuna que se pode imaginar (ib. 2, 16).

É certo que o verbo *igualar* pode ter mais de uma accepção; mas, como se vê pelos exemplos precedentes, nenhuma das construcções corresponde a uma cambiante de sentido definida. Ha, alem disso, a forma pronominal *igualar-se* com uma variedade de complementos:

A branca areia as lagrimas banhavam, que em multidão *com ellas se igualavam* (Cam., Lus. 4, 92) — Nũa camilha jaz, que não *se iguala de outra algũa* no preço e no lavor (ib. 7, 57) — Nenhum gentio... *se lhe igualava* nesta idolatria (Vieira, Serm. 8, 273 etc.).

Aos verbos *investir* (na accepção de «acometter», «atacar»), *encontrar*, *topar* e *cumprir* ajunta-se o termo integrante ou directamente ou mediante a preposição *com*. Exemplos com o verbo *investir*:

Investio hum [navio inimigo] (Couto, Dec. 8, 37) — Tornou a *investir o inimigo* (ib.). *Investio com elle* (ib.) — *Investiu os inimigos* e começou a cortar orelhas (Vieira, Serm. 5, 479) — Eis que o [i. e. Tobias] *investe hum grande peixe com a boca aberta*, em açção de que o queria tragar (ib. 2, 318) — [Aristeu] *com grão clamar o investe* e algema-o sem dar azo a que se possa erguer (Castilho, Georg. 279) — Como has de *co'os polos investir* (Castilho, Metam. 69).

Quanto ao segundo destes verbos construíveis com a particula *com*, ha manifesta identidade de sentido em *hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montez* (Es. 16), e *hũu dia aquelle asno o encontrou no caminho* (ib. 29). O termo integrante preposicionado empregou-o Vieira em *e tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri e o primeiro passo com que encontrei, foy este* (Serm. 8, 3). Hoje dizemos *encontrar alguem* ou *alguma cousa*, e *encontrar com alguem*, ou, antes, *encontrar-se com alguem*, forma reflexa tambem usada, a par das outras, na linguagem archaica. Desconhece a forma reflexa o synonymo *to-*

par, o qual no falar hodierno continua a ser empregado com a mesma indecisão de outrora:

Toparam naquelle golfam *hũa nau grande* (Castanh. 2, 83) — *Toparam dous milaneses* (ib. 2, 24) — *Toparam com Lucas dafonseca* (ib. 2, 31) — *Topou com hũa nau pequena* (ib. 2, 15) — *Se ho topasse* (ib.) — *Ho topou* (ib.) — *Topou com a caravela* de Alvaro Gonçalves (Barros, Dec. 1, 1, 11) — *Topou hũa nau mui grossa* (ib. 1, 5, 9) — *Vá logo topar com a peor enfermidade* (Vieira, Serm. 2, 170).

Data de longe a dicção *cumprir com* e são innumerous os passos em que ella occorre, alternando com frases onde o mesmo verbo apparece sem a particula. Basta attentar nos seguintes exemplos, entre os quaes se acham expressões familiares ao nosso falar quotidiano:

São tão verdadeiros que *cumprem com sua palavra* (Barros., Dec. 1, 10, 1) — *Mas tu me dá que cumpra*, ó gram rainha das musas, *co que quero à nação minha* (Cam., Lus. 10, 9) — *Cumprissem com sua palavra* (Barros, Dec. 1, 8, 7) — *Não cumpria sua palavra* (ib. 1, 5, 9) — *Por cumprir sua palavra* (ib. 2, 3, 8) — *Pera ser dignamente eleyto e cumprir com sua obrigação* (H. Pinto, 1, 189) — *Quanto tenho que fazer pera cumprir com a obrigação* de quem sou (ib. 1, 300) — *Cumpriam com o que tinham prometido* (D. de Goes, D. M. 256) — *Pera que... podessem mais facilmente cumprir com sua obrigação* (Luc. 1, 172) — *O que fez cumprindo com as obrigações* que tinha (ib. 1, 261) — *Por onde se diga que não cumpres com o que juraste* (F. M. Pinto, 3, 92) — *Não deixeis de cumprir co que deveis* (ib. 1, 75) — *Queria cumprir inteiramente com a obrigação* do officio (ib. 1, 81) — *Hade ser forçado cumprir eu co que devo* (ib. 2, 234) — *Cumpriram como deviam as obrigações* de seu sangue, não só *com a obrigação* de valerosos capitães, mas ainda *com a* de esforçados e valerosos soldados (Couto, Dec. 8, 38) — *Quão mal cumpria a promessa* (Castanh. 1, 38) — *Cumprir com minha obrigação* (Herc., L. e N. 1, 116) — *Costumo cumprir as minhas promessas* (ib. 1, 125) — *Cumprir com o seu dever* (ib. 2, 188) — *Como quem tinha cumprido com seu officio* (Vieira, Serm. 8, 357) — *Encommendou aos colossenses que dissessem a Archippo... que cumprisse com as obrigações* do ministerio (Bern. N. Flor. 3, 107) — *Não via o modo de cumprir com essa obrigação* (ib. 1, 465) — *Alguns confesores cumprem com esta obrigação* (ib. 3, 303).

A linguagem *cumprir com* é applicavel, tanto como *cumprir* simplesmente, quando o termo integrante exprime cousa intima ou propria do sujeito do verbo, como dever, obrigação, palavra, promessa. Tratando-se de cousa exterior ao individuo, costuma-se hoje omittir a preposição, apesar de exemplos em contrario na linguagem quinhentista:

Cumprir ao pé da letra o que elrey seu senhor mandasse (Castanh., 2, 92) — *Cumprir o mandado* (ib. 2, 93) — Jurou Meliquiaz de *cumprir as condições da paz* (ib. 2, 101) — *Cumprir com o regimento* (Barros, Dec. 1, Prol.) — *Cumprir com o regimen'o* (ib. 1, 1, 6) — *O qual regimento elle cumpriu* (ib. 1, 7, 2) — *Cumprir degredos* (ib. 2, 1, 1) — Ambos *cumpriram o precepto* de seu capitão (ib. 1, 10, 3) — Duas cousas lhe convinha fazer para *cumprir com a instrucção* que lhe elrey... mandava (ib. 3, 4, 3) — Donde se causou querer elle *cumprir* ante com a vontade da gente de armas (ib. 3, 4, 6) — Muy desejoso de *cumprir* em tudo com o serviço delrey (Luc. 1, 272).

O verbo *apontar*, significando «mostrar com o dedo», usa-se acompanhado de nome, algumas vezes directamente, mas em geral mediante a preposição *para*:

Está-nos Deos mostrando todos os Reynos desse novo mundo... E *apontando para* a Africa, *para* a Asia, *para* a America, nos está dizendo... Reyno de Portugal, eu te prometo a restituição de todos os Reynos (Vieira, Serm. 2, 84) — O servo de Deos, *apontando para* os enfermos, disse (Bern. N. Flor. 3, 16) — Perguntando-lhe o estribeiro-mór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, *apontou* el-rei um que era rebellão (ib. 2, 238) — Isto se entende da especificação notavel, que *aponta* como com o dedo alguma pessoa em individuo (ib. 3, 91) — E logo, *apontando para* este ou aquelle servo..., lhe mandava que proseguisse ou emendasse ao certo (ib. 2, 232) — *Apontaria* o ministro *para* a espada da justiça (Herc. M. C. 2, 41) — Aquelle fez mais do que isso... E *apontava para* o crucifixo (ib. 1, 57) — Judeu! replicou D. Leonor, *apontando para* um cofre pequeno (Herc. Lend. e Narr. 1, 122) — Ao lusco-fusco ainda se viu sahir da manga do albornoz um braço felpudo e mirrado, que *apontava para* as bandas de Cordova (ib. 1, 11).

Tomado o verbo na accepção de «fazer pontaria» assim como na de «dirigir-se alguma cousa em certo sentido ou para um ponto determinado» diz-se *apontar para*:

Tirou a espingarda... e a poz no rosto e *apontou para* hũa larrangeyra que estava defronte, e pondo-lhe fogo... arrebentou por tres partes (F. M. Pinto 2, 217) — Está *apontando* o agudo cipariso *para* onde é posto o eterco paraiso (Cam. Lus. 9, 57).

Com a significação de «mencionar, citar, referir», ou «assignalar, marcar», emprega-se *apontar* sem preposição:

Se bem não *aponto* o autor, passou [o caso] assim na verdade (Bern. N. Flor. 3, 480) — Não *apontei* a duvida senão para saber mais fundamentalmente a resposta (ib. 2, 53) — Para lhes *apontar* o direito caminho do céu (Herc. Lend. e Narr. 1, 257) — Seria fazer injuria aos que antes de nós escreveram, se deixassemos de *apontar os casos* (Sousa, S. Dom. 115).

Facilmente podemos distinguir, segundo o exposto á pag. 183 e seg. as noções de objecto directo, ou accusativo, e indirecto, ou dativo, quando se trate dos termos necessarios para completar o sentido de *trazer*, *dar*, *dizer* e muitos outros verbos do mesmo genero. Outro tanto não succede se nos acharmos em presença do verbo *ensinar* e, ainda, de mais alguns daquelles que em latim se constroem com duplo accusativo. O nome da creatura a quem se ensina vem representado pelo accusativo, se se calar o nome da cousa ensinada, como em *ensinar os animaes, havemos de ensinál-os*; converter-se-á pelo contrario, em dativo, desde que se mencione o nome da cousa ensinada por meio de um substantivo, ou pronome, ou um termo substantivado ou oração substantiva, dizendo-se:

Ensinei-lhe o alphabeto, a musica — Ensinei-lhe isso — Ensinar o Padre Nosso ao vigario — Christo principalmente nos ensinou... o fazer a sua vontade (Vieira, Serm. 9, 65) — Ensinou-lhe que havia Deus (ib. 9, 56).

Sendo porém o nome da cousa ensinada expresso por um infinitivo regido da preposição *a*, o nome da pessoa se dirá indifferentemente no dativo ou no accusativo. Exemplos de diversas epochas:

Ensinaste-o a servir ao Deos altheo (S. Josaph. 27) — Quando o [sabujo] primeiro começam a ensinar a achar (L. de Mont. 88) — O andar ao monte lhe ensina a teer bõ tento na terra (ib. 28). — Quando o ensinam a andar na treela (ib. 68) — E nesta reputação os mandam ensinar a ler e escrever (Mend., Jorn. 2, 100) — A boa sabedoria lhe ensina a passar avante (H. Pinto, 1, 270) — Ensinou os homens a fugirem da sensualidade (ib. 1, 171) — Quasi sempre estava calado, ensinando elle a falar os outros (ib. 2, 589) — O sábedor calando ensina os outros a falar (ib.) — Hã Deos que lhe ensina a desprezal-os (ib. 2, 66) — A necessidade inventora dos remedios lhe ensinou a favorecer as boas letras (ib. 2, 234) — Ensinou-o [a Aristoteles] Platão a nadar (ib. 2, 486) — Ensinando-lhe a distinguir o conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude (Vieira, Serm. 14, 126) — E que pudessem [os meninos] estar no palacio do rei, para que elle os ensinasse a escrever e a fallar a lingua dos caldeus (Fig. Dan. 1, 4) — E os ensinaste a santificar o teu sabbado (Fig. II Esdr. 9, 14) — Alumiaeste os povos e a ser reis os ensinaste (Fil. Elysio 3, 142) — Ensinando-lhes a pedir beijos a todas as mulheres (Camillo, Boh. do Esp. 434).

Enuncia-se hoje como dativo o nome do individuo a quem se faz pergunta, quando se empregue o verbo

perguntar, e explicito venha, como accusativo, aquillo que se deseja saber. Não era geral esta pratica no portuguez da idade media, em que tambem se usava, e a principio com muita frequencia, o nome da pessoa como accusativo, sendo portanto o verbo susceptivel de dous objectos directos. Exemplos de uma e de outra construcção :

Perguntaram-na que demandava (S. Graal, 1) — *perguntou-o* se era chagado (ib. 35) — *Perguntou-o* que homẽ era (ib. 37) — *Perguntou-lhe* que faria (ib. 50) — *Perguntou-lhe* quem matara aquel cavaleiro (ib.) — O padre *o perguntou* que eyxeco ouvera (ib. 53) — *Perguntou-lhe* se virom a besta desasemelhada (ib. 68) — *Perguntava-o* se lhe fazia mester algũa cousa (S. Am. 514) — *Perguntou-lha* como avia nome (ib. 518) — *Perguntou-o* como avia nome (S. Graal 45).

Este mesmo hesitar entre a applicação do accusativo duplo e differenciação deste em accusativo de cousa e dativo de pessoa, apparece tambem nas construcções com *rogar*; mas com este verbo teve sempre vida mais longa o uso do accusativo de pessoa, de que se encontram até exemplos na lingua da Renascença :

Rogaram-no por deos que lhe dissesse daquelle sonho (S. Graal 109) — *Rogou-lhe* que lhe perdoasse (ib. 127) — *Rogou-o* mui aficadamente que lhe mostrasse o santo (S. Josaph. 43) — *Rogou-lhe* amaro por deos que o benzesse (S. Am. 511) — E este rrouxinol *ho rrogava*, quanto podia, que lhe dêsse o seu filho (L. de Es. 31) — *Rrogaram-no* que lhe dêsse hũu senhor (ib. 46) — Vendo [quem o não conhece] que vós Senhora, sendo quem sois, *o rogais* [i. e. a Christo], assim como atégora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o Divino (Vieira, Serm. 9, 86) — Emquanto Mãy, porque o gerou; em quanto intercessora, porque *a roga* (ib. 9, 87) — Se forçado da fraqueza do espirito *a rogardes*, descobris amor pera azo de maior sojeição (Ulyss. 55).

São transitivos os verbos *fazer*, *ver* e *ouvir*, e, completando-se-lhes o sentido por um nome ou pronome, será este vocabulo sempre um objecto directo. Nem o enunciaremos por outra forma naquellas frases mais complexas em que este mesmo termo sirva, por sua vez, de sujeito ao infinitivo de um verbo intransitivo ou de verbo usado intransitivamente :

Quando as outras *os vissem andar*, neste cuidado (Zur. P. M. 275) — *Viam ir os barcos* pera ella (ib. 312) — *Fizeram-nos encalhar*

(F. Lopes, D. J. 308) — No desejo de *o ouvir* (H. Pinto 1, 311) — Por vezes *o ouviram falar* cos demonios (ib. 3, 237) — *Os deuses faz descer* ao vil terreno, e os humanos subir ao ceo sereno (Cam., Lus. 9, 20) — A cubiça do proveito... *o faz obedecer* e ter respeito ao capitão (ib. 8, 77) — *Ouve mugir os bois* (Castilho, Georg. 125) — *Euro as fez cahir* naquelle mar tão vasto (ib. 227) — *Nem isto as fez calar* (Castilho, Mis. 103) — Cartas de Magdalena! Era quasi *ouvir-a falar*, prazer a que já tinha renunciado (Din. Morg. 2, 246).

Achando-se pelo contrario os verbos *fazer* e *ouvir* combinados com o infinitivo de um verbo transitivo acompanhado de seu proprio objecto directo, enunciar-se-á então o agente deste infinitivo sob a forma de objecto indirecto:

Lhe fez perder o sem e *lhe fez perder todo o coração* (S. Graal, 99) — O homem boom quando *lhe ouvio dizer*, que todavia queria poer mão em tall feito, foi tam ledo, que mais ser nam pode (F. Lopes, D. J. 12) — E quando *lhe tall rrazom ouvio dizer*, ficou hũu pouco como torvado (ib. 60) — *Fez a afeiçom eseprever a algũs* em favor del Rey de Castella da guisa que nom aconteceram (ib. 250) — *Fez logo aos prisioneiros que lhe beijassem* a mão como a seo senhor (ib. 199) — *Lhe fizeram erer* que as cousas... *eram* hem diferentes (Barros, Dec. 1, 6, 2) — *Lhe fazia saber que* (ib. 1, 6, 4 bis) — Para *o fazerem saber ao Çamorim* (ib. 1, 7, 9) — *Lhes fazia perder a vista* (ib. 1, 8, 5) — *Fazem-lhe a lei tomar* com fervor tanto, que presuppoz de nella morrer santo (Cam., Lus. 7, 33) — A mi lembra... que *lhe ouvi eu louvar* hũa vez aquella sentença de Thales (H. Pinto 1, 410) — E fazendo oração... *lhe ouviram dizer* com hũ grande suspiro: ó Jesu Christo, amores de my anima, põe, Senhor meu, os olhos em ti (F. M. Pinto, 3, 208) — *Fizeram-lhe perder a constancia, fizeram-lhe perder a paciencia, fizeram-lhe perder a conformidade*, e até a *conciencia* *lhe fizeram perder* (Vieira, Serm. 1, 825) — Muitas vezes *ouvi ao confessor* da Rainha nossa Senhora *estas palavras* formaes (ib. 13, 17) — Ao que devia cem cantaros de azeite *fazia-lhe escrever oitenta* (ib. 2, 232) — Pode ser que esteja neste auditorio quem *lho ouvio* (ib. 8, 151) — Mais de uma vez *lhe ouvira citar passagens* de autores romanos (Herc. M. de C. 1, 178) — *Ouvi-lhe rosnar não sei o que* de Zilla de Restello (ib. 2, 103) — O espanto de D. Dorothea, quando *lhe ouviu dizer* que as ceias não *entravam* nos seus habitos, foi tal que *lhe tirou* o animo de rejeitar (Din. Morg. 1, 31).

Se se usar *ver* como verbo regente da combinação com infinitivo transitivo, o vocabulo denotador do individuo que é visto praticar a acção virá expresso de ordinario pelo accusativo se for substantivo, e pelo dativo se for pronome pessoal:

E como *lhe vira matar* patrides (S. Graal, 99) — Persival foy todo espantado do que *lhe vio fazer* aaquele tempo e aquella ora (ib.

134) — *Vio-lhe ter huia espada* muito limpa e bem corregida (F. Lopes, D. J. 63) — Quando *lhes viram apanhar os mortos* (Zur. P. M. 275) — *Verão os cañres... tirar á linda dama seus vestidos* (Cam., Lus. 5, 47) — *Vê na agua salgada ter o Tigres e o Euphrates uma entrada* (ib. 10, 102) — *A mesma sorte viu ter a muitas suas vizinhas* (ib. 3, 89) — *E vereis ir cortando o salso argento os vossos Argonautas* (ib. 1, 18) — *Cousas... de alto espanto ver as nuvens do mar, em largo cano, sorver as altas aguas do Oceano* (ib. 5, 18).

O verbo *deixar*, acompanhado de infinitivo de verbo transitivo com o competente objecto directo, e, tendo a accepção de «permittir», construe-se como est'outro verbo com o dativo de pessoa *lhe*:

Mandamos aos Alcaldes que *lhe deixem ver as cousas* sobreditas (Ord. Man. 1, tit. 39) — *Davam graças a Deus pela mercê que lhes fezera em lhes deixar ver gente* daquella calidade (D. de Gocs, D. Man. 1, 55) — No outro [dia] *entretinha os curiosos da sua terra deixando-lhes entrever os thesouros* da experiencia adquirida á custa de mmitos annos de fadiga (Din. Morg. 1, 106).

Com um infinitivo intransitivo dir-se-á:

Que *a deixem morrer* e ao desamparo (Din. Morg. 3, 263).

Serve tambem a forma pronominal *lhe* para denotar a pessoa a quem se ordena que faça alguma coisa nas construcções do verbo *mandar* com infinitivo transitivo, tendo este seu complemento expresso:

Qualquer coisa que *lhes mandar fazer* o moço (L. da Mont. 233) — E com esto nom devem a atender que seu senhor *lho mande fazer* [i. e. servir em todallas outras cousas] (ib. 47) — *Deshi que aquellas cousas que lhes mandarem fazer*, que as nom errein de as fazerem como *lhes elle mandar* (ib. 204) — *Appareceu Deus na çarça a Moyses e mandou-lhe descalçar os çapatos*. Solve calceamenta de pedibus tuis (Vieira, Serm. 2, 380).

> Causa primordial de se substituir, em certos casos, o dativo ao accusativo foi a necessidade da clareza. Exprimindo-se pela mesma forma pronominal tanto a pessoa como a coisa, teriamos, a permanecer rigorosa a construcção dos dous accusativos, a duplicação confusa do pronome em *perguntou-o-o* por *perguntou-lh'o*, *ensinou-o-os* por *ensinou-lh'os*, etc., e pouco lucidas deveriam parecer aos antigos portuguezes dicções como *fel-o crel-o*, pela circumstancia de attrahir o verbo regente

muitas vezes o objecto do verbo regido. Sem duvida que nos exemplos *lhes fazia perder a vista, lhe fizeram crer que..., quando lhes viram apanhar os mortos, quando lhe ouviu dizer que..., pode ser que esteja neste auditorio quem lh'o ouviu*, ha outro phenomeno a considerar alem da mudança da forma pronominal. Nas orações assim constituidas, *lhe, lhes* não se referem a um vocabulo isolado, mas ao conjunto da expressão predicativa. E desta mesma maneira se entende o objecto indirecto nos seguintes passos:

Aos seus almoxarifes mandou fazer toda a despesa (F. Lopes, D. J. 129) — Não cumpria o que *ElRey... lhe mandava fazer sobre isto* (Barros; D. 1, 6, 3).

Pronunciada ao acaso, e sem ligação com outros pensamentos, uma frase como *mandei-lhe escrever a carta* deixa por certo duvida sobre o verbo a que se ha de referir o termo *lhe*; mas isto não succede no discurso, em que pelo contexto, pela situação, se esclarece sempre a referencia.

> Posto que a integração de sentido, em grande parte dos verbos que a exigem, não seja possivel ou usual senão por meio do substantivo (ou vocabulo substantivado) e do pronome, casos ha comtudo em que pode igualmente ser expressa por um infinitivo. Sómente não se deve ter por tão seguro aqui o criterio da ausencia ou presença da preposição para decidir se o infinitivo funciona, ou não, como objecto directo.

Complemento de verbo intransitivo é por certo todo o infinitivo preposicionado que fizer as vezes de um nome igualmente preposicionado, como em *desiste de combater* e *desiste do combate*. Complemento é, alem disso, o infinitivo expresso com particula e dependente de verbo intransitivo cujo sentido não se integre por outro vocabulo senão pelo infinitivo preposicionado. Tratando-se porém de verbo que pede objecto directo, i. é. de um verbo regente transitivo, deveria esperar-se que as frases se construíssem sempre parallelamente: o infinitivo, posto em lugar do nome, ou do pronome *o*, havia de apparecer por toda a parte sem particula alguma. Entretanto tem restricções este principio. Assim é que, sen-

do regente um dos verbos *desejar, prometter, propôr, jurar, determinar, esperar, procurar, pretender, merecer, resolver*, vemos como factó não raro, mas usual, em portuguez antigo e quinhentista e, até, seiscentista, a preposição *de* anteposta ao infinitivo-objecto, podendo esta linguagem alternar com a da eliminação da particula, sem prejuizo do sentido:

Depois que eu conheçi Jesus Christo e *merçi de seer* seu servo (S. Josaph. 39) — En tal guisa que *mereçamos seer* contados (ib. 49) — Tethys... *deseja de comprar-vos* pera genro (Cam., Lus. 1, 16) — Qualquer dos cortezãos aventureiro *deseja ser* com fervida vontade (ib. 6, 61) — Eu *desejo* ha muito *de andar* terras estranhas (ib. 6, 54) — *Procuramos*, como proprios da terra, *de habital-a* (ib. 1, 54) — Se *pretendes*, rei alto, *de vingar-te* (ib. 3, 38) — Só *de seguir-o* o exercito *procura* (ib. 3, 67) — Ellas *prometem... de ser* no Olympo estrellas (ib. 4, 85) — *Determinei de* assi nos *embarcarmos* (ib. 4, 93) — *Tirar* Ignez ao mundo *determina* (ib. 3, 123) — *Determinei* por armas *de tomal-a* (ib. 5, 53) — A que novos desastres *determinas de levar* estes reinos (ib. 4, 97) — *Determinam* *matal-o* em fim de tudo (ib. 10, 116) — *Prometiam de* o *fazer* (Vieira, Serm., 8, 407) — Nova ley que elrey não só promulgasse, mas *jurasse de a cumprir* (ib. 8, 232) — Eu vos *prometo de* vos *compor* um cantico novo (ib. 9, 427) — *Resolveu de acabar* com o homem e *tiral-o* da face da terra (ib. 9, 239) — *Tinha resolutu de* não *tratar* mais daquelle convento (ib. 9, 191) — Nem [sei] que conta *esperam de dar* a Deus (ib. 9, 471) — Eu te *prometto de* te *favorecer* toda a vida (Bern., N. Flor. 3, 8) — *Jurou de* nunca mais *vestir* armas (ib. 3, 196) — Has de *jurar de* não *descobrir* isso a pessoa alguma (ib. 1, 410) — Eu *proponho de* a *guardar*, ajudando-me vós cõ vossa opportuna graça, e *de fazer* quanto em mi for, porque todos os homens a guardemos (Bern., I. e C. 432).

> Reconhecendo-se a inutilidade da particula entre o verbo transitivo e o infinitivo-objecto, foi esta desaparecendo do uso, nuns casos mais cedo, noutros mais tarde, até que por fim se fixou a linguagem hodierna, a qual, depois de qualquer dos mencionados verbos, só emprega o infinitivo puro como equivalente do objecto expresso por substantivo ou pronome.

Com o verbo *começar*, igualmente transitivo, prevaleceu, pelo contrario, a pratica das construcções discordantes, dizendo-se *começo o trabalho* e *começo a* (ou *de*) *trabalhar*, sem haver alteração semantica no verbo commum ás duas frases. Que á linguagem de outrora já deveria parecer dispensavel a particula, verifica-se por

vários exemplos do portuguez antigo e pelos muitissimos passos de João de Barros:

Começa singlar esta noyte (S. Amaro, 510) — *Começou fazer* suas orações (S. Josaph. 31) — *Começou fazer* vida solitaria (ib. 37) — *Começou servir* Nosso Senhor (ib. 48) — *Começou tirar e dar* com sua espada grandes golpes (L. de Es. 54) — *Começando descobrir* (Barros, Dec. 1, 1, 13) — *Começaram lograr* as novidades (ib. 1, 1, 7) — *Começou todo correr* (ib. 1, 1, 11) — A gente *começou entrar* (ib. 1, 7, 5) — *Começam ventar* os ponentes (ib. 1, 7, 4) — *Começaram despende* sua palavra (ib. 1, 7, 11) — Já *começavamos chegar* ás portas do mar Roxo (ib. 1, 8, 1), etc.

Sem duvida que a par destes exemplos occorrem outros, em numero muito maior, de *começar de* e *começar a*.

Vozes activa, passiva e medial

O sujeito de verbo transitivo pode ser considerado não sómente como ponto donde parte a acção, mas ainda como o ponto para o qual a acção se dirige; e neste segundo caso se empregará o verbo no participio do preterito combinado com o auxiliar *ser*. Diz-se então que o verbo denotador da acção está na voz passiva, e que o sujeito é paciente, como nesta frase — *a ave foi ferida pelo caçador*; e chama-se, pelo contrario, voz activa, com sujeito agente, á conjugação simples, como em — *o caçador feriu a ave*. Por extensão, diz-se que está na voz activa, ou que tem forma activa, todo o verbo usado nos diversos tempos e modos da conjugação simples. Esta classificação facilita o estudo das formas, mas nem por isso se harmonisa sempre com a significação do verbo. *Andar, fugir, ir, voar* e outros intransitivos representam actividade em que o sujeito é, como nos transitivos activos, verdadeiro agente; porem em *padecer, adoecer, morrer, envelhecer, durar*, não se revela nenhuma actividade da parte do sujeito. São actos que nelle se consummam, estados pelos quaes passa, sem que para isso concorra o seu esforço. A condição do sujeito aqui é a de paciente. Est'outros intransitivos, ainda que tenham forma activa, aproximam-se pois, quanto á signi-

ficação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos activos.

Resta a considerar a terceira forma typica, sob a qual se apresenta ou pode apresentar o verbo. É aquella em que o conjugamos com o pronome reflexivo. É a forma intermediaria entre a voz activa e a passiva. Cabe-lhe por isso a denominação de voz media ou medial, que abrange as funções de reflexividade, reciprocidade e outras que vamos examinar.

Occorrem a cada passo em portuguez, como em outros idiomas, verbos acompanhados do pronome reflexivo. Servindo occasionalmente aos verbos transitivos, e usualmente a alguns dos intransitivos, o pronome vem a exercer funções differentes. Verifica-se aqui mais uma vez a deficiencia da linguagem, a desproporção entre os limitados meios de expressão e a variedade de conceitos e cambiantes de conceitos que nos importa exprimir.

A mais palpavel confusão que a linguagem faz, mas a intelligencia desfaz pelo encadeamento das idéas, consiste em utilizar-se ella das mesmissimas formas pronominaes *nos, vos, se* tanto para a reflexividade como para a reciprocidade. Não raro temos por de bom aviso accrescentar termos esclarecedores, como em *honramo-nos a nós mesmos* e *honramo-nos uns aos outros*.

Pondo de parte a hypothese da reciprocidade, nota-se facilmente que o verbo transitivo accrescido do pronome *se* pode exprimir situações differentes. Se dissermos por exemplo *Pedro, querendo matar-se, só conseguiu ferir-se*, significarão ambos os infinitivos actos rigorosamente reflexos, actos que, em lugar de se dirigirem para algum ser exterior, seguiram sentido contrario, praticando-os o sujeito sobre si mesmo. Mas nest'outro pensamento *Pedro, atravessando o jardim, feriu-se nos espinhos das roseiras*, já o acto de ferir não emana do sujeito, e queremos significar apenas que elle ficou ferido.

Usam-se para um e outro fim, alem de *ferir-se*, os verbos *arranhar-se, molhar-se, sujar-se, machucar-se, afoagar-se* e varios outros.

Muitos verbos porem têm significação de tal especie que, conjugados pronominalmente, não se prestam a